

---

# REFLEXÕES SOBRE O PENSAMENTO DE SIMONE WEIL

---

*Maria Lúcia Gyrão<sup>1</sup>*

O século XX é marcado pela presença de Simone Weil, cuja coragem na contribuição intelectual e nos posicionamentos assumidos diante de um mundo dilacerado pelas guerras, deu um novo rumo à filosofia política.

A filosofia política deve ter o papel de contribuir através de questionamentos e de indagações para a realização de um mundo melhor. Foi perseguida pela coerência que tanto incomodou um mundo incoerente.

Simone Weil nasceu, em Paris, em 3 de fevereiro de 1909 e faleceu em 24 de agosto de 1943.

É interessante dizer que desde os cinco anos tinha um coração compassivo, solidarizando-se com as dores do mundo inteiro, com as pessoas mais desvalidas através de uma imensa compaixão. Aos onze anos acompanhou pela primeira vez uma manifestação de grevistas.

É impressionante também, como relata Paolo Farina acerca de Simone Weil:

*“que uma menina de cinco anos aprenda sozinha a ler o jornal para fazer uma surpresa pelo aniversário do pai, ou compita com o irmãozinho, citando de cor passagens inteiras das obras de Racine ou*

---

<sup>1</sup> Doutora em Filosofia pelo IFCS/UFRJ. Mestre em Filosofia pelo IFCS/UFRJ. Mestre em Direito Privado pela Faculdade de Direito. Pós doutora em Filosofia do Direito pela Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro 2016. Professora de Teoria Geral do Processo e Direito Processual Civil do Curso de Direito da Universidade Candido Mendes.

*Corneille, ou ainda que aos catorze anos queira morrer porque não se sente à altura dos grandes gênios admitidos no "reino da verdade", enquanto nesse meio tempo lê em alemão O Capital, de Marx, e já intui as aporias de seu sistema de pensamento...<sup>2</sup>*

Uma vida curta, mas vivida intensamente a cada minuto. Foi, assim, professora de filosofia, grego e história da arte, foi militante política através de lutas libertárias, além de ter participado de movimentos sindicais, de ter trabalhado como servente, vindimadora e como operária, inclusive da fábrica de carros Renault, tendo tido acesso à vida do trabalhador, chegando mesmo a dizer que não era mais jovem, pois o trabalho lhe arrancara toda a juventude.

Lutava, assim, contra a injustiça, contra a expropriação da força do trabalho humano, das intensas jornadas nas fábricas.

Ao encontrar Simone Beauvoir que a indagou porque não escrevia mais sobre a luta pela mulher, apenas respondeu: Bem se vê que você nunca teve fome.

Simone Weil foi atormentada pelo sofrimento dos outros e afirmava que não se podia elaborar um escrito sobre o sofrimento sem primeiro vivenciá-lo, a isto se chama alteridade ou vivência alheia *sui generis* (o fenômeno chamado empatia analisado também por Edith Stein).

A alteridade é ser outro, é colocar-se como outro, é o perceber que existe outro não idêntico a mim, mas semelhante em sua dimensão corpórea, psíquica e espiritual. Não há identidade, mas sim semelhança. O ser humano é um ser social que necessita da presença do outro para com ele interagir, havendo, portanto, uma interdependência em relação ao outro. Não é possível o solipsismo, que corresponde à tese de que só eu existo e de que todos os outros entes, homens e coisas são apenas ideias minhas. Na alteridade existe uma relação de sociabilidade. Eu me percebo a partir do outro, da visão do outro, o que me possibilita também compreender o mundo, a partir de um olhar diferenciado, partindo tanto do diferente, quanto de mim mesmo. A alteridade é estado, é qualidade daquilo que é outro, distinto. É através da alteridade que se firmam as dinâmicas das relações sociais.

Por outro lado, deixou também trabalhos, estudos filosóficos como a *Condição Operária* e estudos sobre a opressão, o livro *Opressão e Liberdade e Aulas de Filosofia* e *Le Cahiers*, dentre outros.

---

<sup>2</sup> FARINA, Paolo. Simone Weil: a razoável loucura do amor. Simone Weil e o encontro entre as culturas. / Maria Clara Lucchetti Bingemer (organizadora). – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio : Paulinas, 2009, p. 338.

A coragem e a serenidade de Simone também a levaram a reflexões sobre a força, o poder, o domínio, ensinando aos seus alunos, aos operários, aos trabalhadores em geral que o homem não pode deixar-se dominar pela humilhação que desnatura a sua condição.

Por isto que, neste cenário de humilhação, Simone acreditava que só haveria mudança pela educação e que o filósofo tem de ter um comprometimento e uma responsabilidade para com aqueles que não alcançaram uma melhor situação na sociedade. O conhecimento deve reverter sempre para a melhoria da humanidade e não ficar sob o domínio de um grupo de pessoas.

Simone Weil não vivencia apenas intelectualmente a dor, o sofrimento e o trabalho indigno, mas sente em seu próprio corpo estas feridas.

Chama atenção Simone para o fato de que os teóricos da revolução nunca trabalharam em uma fábrica, razão pela qual não podem compreender que a escravidão continuava sob um regime idealizado por Marx, porque permaneciam existindo as mesmas condições no trabalho fabril.

Começou, então, a ver a incoerência da ideologia de esquerda, repudiando o comunismo, que pregava uma ideologia sem nunca ter conhecido de perto o dilaceramento provocado pelo sofrimento do trabalhador. Refletiu também acerca da opressão exercida sobre este trabalhador, que ao invés de lhe ocasionar a revolta, como pregava a ortodoxia marxista, levava-o, ao contrário, à submissão e à servidão, sendo que o ideal revolucionário jamais foi reformista no sentido de concretizar uma nova sociedade. Decepcionou-se com a política dos homens, onde encontrou o materialismo, a artificialidade, o reducionismo e o relativismo, exteriorizados pelo poder ligado a vaidade humana e ao domínio de tudo e de todos. Diante disto, vem a encontrar o amor de Deus, a única forma de enfrentar o *malheur*, palavra francesa que tem sido traduzida por infelicidade, só que para Simone Weil, esta palavra compreendia muito mais, era por assim dizer, o sofrimento intenso do homem provocado por este poder abusivo exercido por um grupo dominante. Havia, com isto, a descrição, o aniquilamento do eu. Simone começa a sentir que somente o amor de Deus poderia defrontar-se com o *malheur*, pois somente este amor, esta graça é que vêm a resguardar o ser humano, atingindo a profundidade do

mesmo, de forma a recriá-lo psíquica, corpórea e espiritualmente, de modo a conseguir mantê-lo em pé diante de todas as vicissitudes e maldades contra ele perpetradas. A sede de Deus a leva a um encontro com a verdade e com o amor, através de uma experiência mística.

Ecléa Bosi, na obra *Simone Weil - A Razão dos Vencidos*, mostra o sofrimento de Simone Weil ao escrever que "... estando na fábrica (...) a infelicidade dos outros entrou na minha carne e na minha alma. Nada me separava dela (...) o que eu lá suportei me marcou de uma maneira tão duradora (...). Eu recebi de uma vez por todas a marca da escravidão."<sup>3</sup>

Simone, ao chegar à casa da fábrica, não mais conseguia pensar, produzir intelectualmente, porque este trabalho lhe havia causado um verdadeiro aniquilamento de seu eu, arrancando-lhe toda a humanidade. Por esta razão, concluía que a desumanização do trabalho alienava o trabalhador. O trabalho como era vivenciado, realmente, era indigno de ser realizado.

O pensamento de Simone Weil é tirado de seus manuscritos confiados a Gustave Thibon, em 1948, e agora apresentado no livro *A Gravidade e a Graça*, no sentido de que:

*O segredo da condição humana é que não há equilíbrio entre o homem e as forças da natureza circundantes (...) só há equilíbrio na ação pela qual o homem recria sua própria vida no trabalho. A grandeza do homem é sempre recriar sua vida. Recriar o que lhe é dado. Forjar aquilo mesmo que sofre. Pelo trabalho, ele produz sua própria existência natural.*<sup>4</sup>

Para Simone, pensamento e ação não se separam, é uma questão de coerência.

O prof. Luigi Bordin observa relativamente à personalidade de Simone, que ela:

*... não se satisfazia só com o pensamento, mas sentia impelente a necessidade de experimentá-lo na vida. Para ela, pensamento e ação deviam coincidir, o pensamento encontrado sua verificação na ação e a ação concretizando o pensamento. Para Simone filosofar era não só orientar a vida para a verdade, mas, sobretudo, praticar a verdade. É-lhe impossível cindir a filosofia da vida.*<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Bosi, Ecléa. *Simone Weil. A razão dos vencidos*, 2a edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1983, p.47 e 48.

<sup>4</sup> WEIL, Simone. *A gravidade e a graça*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1993 – Coleção tópicos, p. 201.

<sup>5</sup> BORDIN, Luigi. Artigo Simone Weil, a paixão da justiça e da verdade, p. 1.

Simone analisa um outro aspecto pertinente ao trabalho que é exatamente o desenraizamento que está ligado à opressão do ser humano, que é retirado do seu meio de origem, de seus valores éticos e culturais por ele conhecidos e, em contrapartida, lhe são impostos novos que não são por ele absorvidos.

Dessa forma, o poder do dinheiro com a consequente dominação econômica de um grupo desencadeia estes fenômenos do desemprego e da falta de instrução.

O trabalho, para Simone, assume papel de relevo na vida de cada pessoa. Contudo, no meio camponês, ao analisá-lo, Simone Weil verifica as condições em que o mesmo ocorre, nele não existindo prazer nem alegria em realizá-lo. Nem em dar-lhe continuidade pelo filho que, ao sair da escola, não vai visitar o pai em sua oficina, por não ter interesse em aprender o ofício do pai, que não é prestigiado pelo que produz, pois é visto como mera utilidade para produzir cada vez mais.

Na verdade, o que existe são operários e camponeses que não usufruem do que produzem.

Salienta Simone Weil para o que pensa o camponês, que se é camponês é porque não teve capacidade para ter outra profissão. Ao contrário, deveria amar o seu trabalho que seria prestigiado no meio social. Tal fato leva a falta de estímulo aos jovens para trabalharem no campo, que passa a ser para eles enfadonho e que, na velhice serão submetidos à humilhação.

A todo tempo, Simone Weil apresenta opostos na vida do ser humano, expressos na ausência de coerência no agir. Mostra que, nos escritórios, desenvolvem-se novas técnicas que beneficiam o grupo dominante, mas não o operário nem o camponês.

Simone Weil de forma contínua aponta em sua obra o bem e o mal, o lado trágico da vida.

Devem ser encarados o bem e o mal como integrantes da vida humana, posto que, só dessa maneira, o ser humano será capazes de encontrar a luz sobrenatural, a única capaz de elevá-lo acima da matéria para suportar o sofrimento. Por esta razão, reconhece Simone na alma uma faculdade sobrenatural.

Sustenta a necessidade do mal e da sensação do limite humano a fim de que se possa chegar ao sobrenatural, modificando-se. A aceitação com a consequente experiência do mal e da desgraça, expressas na dor física, na doença e no desprezo social, leva o homem a perceber a sua fragilidade, a inconsistência de tudo e a precariedade de sua condição. Essa experiência é o caminho para o conhecimento da verdade.

E continua o Prof. Luigi, neste magnífico trabalho sobre a paixão de Simone Weil, pela justiça e pela verdade, observando que, para ela,

*... o real nos é dado não mediante demonstração, mas pela fé. Não é a inteligência que nos permite compreendê-lo, mas a intuição e o amor; não é a ligação ao mundo exterior, mas o despojamento, que torna possível contemplar a necessidade e vê-lo em sua relação com o outro: Deus, o mundo, o cosmo.<sup>6</sup>*

Essa necessidade está relacionada com a aceitação da condição humana, com os seus opostos e suas contradições, com o intuito de experimentar o enraizamento, que é a necessidade maior de viver a realidade de Deus.

Simone Weil é considerada uma mística por aqueles que estudam o seu pensamento e a sua vida.

É colhida pela presença inesperada de Cristo, sem que tivesse lido qualquer livro religioso.

E nesta linha de ideias, cabe citar que, ao contrário de Nietzsche, que dizia que Deus não existia, Simone Weil ao entrar em uma aldeia e acompanhar a procissão dos pescadores de Nossa Senhora das Dores, teve o seu primeiro encontro com Jesus, tal como ensina a Prof<sup>a</sup> Doutora Maria Clara Bingemer<sup>7</sup>, da PUC/RJ, profunda conhecedora, estudiosa, tendo escrito vários livros sobre Simone Weil. A partir daí, começou a perceber pelo canto dos pescadores, através de sua pureza e simplicidade, que eles entravam em contato com Deus, por meio da graça que veio a ser objeto de estudo por Simone. Para ela a graça é inexplicável humanamente e recria o homem em sua acepção mais ampla, por intermédio da espiritualidade deste encontro consigo mesmo e com Jesus.

---

<sup>6</sup> BORDIN, Luigi. Artigo Simone Weil, a paixão da justiça e da verdade. P. 1/5.

<sup>7</sup> BINGEMER, Maria Clara. Simone Weil: uma síntese entre mística e compromisso sociopolítico. São Paulo: Paulus, 2012. DVD – Coleção Místicos Contemporâneos.

Já na obra *Simone Weil - A Razão dos Vencidos*, Ecléa Bosi mostra mais uma vez o sentimento de Simone Weil:

*no instante em que Cristo se apoderou de mim, nem os sentidos, nem a imaginação tiveram parte alguma: senti somente através do sofrimento a presença de um amor semelhante ao que se lê no sorriso de um rosto amado.*<sup>8</sup>

Por outro lado, assevera Simone, a necessidade de incluir nas escolas, em todos os graus, o ensino religioso de que não existe dignidade humana sem o enraizamento espiritual, de ordem sobrenatural.

Neste particular, salienta que o fenômeno moderno da irreligiosidade surge da alegação de que entre a religião e a ciência há uma incompatibilidade. Tal fato só veio a causar o desequilíbrio no meio social, isto é, o desenraizamento, inclusive atingindo em parte o povo do campo, que foi bastante influenciado por esta assertiva, fazendo surgir o complexo de inferioridade em relação à cidade.

É, portanto, essa experiência mística de Simone Weil que a faz vivenciar a graça, levando-a a ter êxito em atravessar o trágico da condição humana para ter a experiência da realidade de Deus, do enraizamento transcendental do amor real e puro por inspiração do Espírito Santo.

Simone Weil, através do enraizamento, que é a participação real e ativa do indivíduo em sua própria coletividade de origem, vivenciou, também, a vida do espírito, da experiência mística.

Maria Clara Bingemer afirma que, para Simone Weil:

*O sofrimento do mundo foi para ela uma obsessão, e sua experiência a trouxe para muito perto da Paixão e Cruz de Jesus Cristo e a fez escrever ao seu confessor: "Conhecer realmente o infeliz implica conhecer verdadeiramente a desgraça". Após sua experiência mística cristã, essa compaixão e seu sentimento tão agudo do sofrimento do outro não se afastaram de Simone. Ao contrário, isso foi sempre, nela, mais presente e forte.*<sup>9</sup>

Simone, tal como o Cristo, abraçou a cruz, o sofrimento, não se deixando, de forma alguma, intimidar pelas perseguições e igualmente pela sua própria saúde frágil.

---

<sup>8</sup> BOSI, Ecléa. *Simone Weil. A razão dos vencidos*. 2ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 60.

<sup>9</sup> Simone Weil e a filosofia. Organização: Maria Clara Lucchetti Bingemer e Fernando Rey Puente. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio :Loyola, 2011, p. 160.

Nesta ocasião, em plena Segunda Guerra Mundial, Simone, já muito fraca e doente, pretendia montar um atendimento para socorrer os feridos que lutavam nesta guerra contra os alemães na França. Esta estratégia não foi aceita por De Gaulle por entender totalmente suicida para aqueles que a ela se filiassem neste atendimento. Ocorre que Simone, neste momento, já estava muito debilitada na Inglaterra sozinha e não mais conseguiu voltar à França, vindo em seguida a falecer.

Simone Weil morre só, no sanatório operário de Ashford, na Inglaterra, na noite de 24 de agosto de 1943, vítima de tuberculose.

Maria Clara Bingemer salienta que a morte de Simone foi:

*... resultado ao mesmo tempo do desgosto de não poder expor e dar sua vida em meio ao sofrimento que acontecia em seu país e da crescente fraqueza física em que ia mergulhando pelo fato de recusar-se a comer mais que a ração que era dada às pessoas nas zonas ocupadas, é a própria concreção da compaixão que norteou sua vida e que também pode ser referida.<sup>10</sup>*

Deixou o seu legado no seu pensamento, na sua coragem e no seu testemunho de vida e de luta, assumindo a responsabilidade por juízos reflexivos que nos convidam a fazer alguma coisa para que se assuma o compromisso com a reconstrução dos direitos humanos.

## **REFERÊNCIAS:**

ARENDDT, Hannah. A Condição Humana. 10ª edição, Forense Universitária, 2004.

ARENDDT, Hannah. A Vida do Espírito. 3ª edição, Relume Dumara, 1995.

ARENDDT, Hannah. Eichmann em Jerusalém - um relato sobre a banalidade do mal. 3ª reimpressão, Companhia das Letras, Editora Schwarcz Ltda, 2001.

BINGEMER, Maria Clara. Simone Weil: uma síntese entre mística e compromisso sociopolítico. São Paulo: Paulus, 2012. DVD – Coleção Místicos Contemporâneos.

BODEI, Remo. A Filosofia do Século XX. Tradução de Modesto Florenzano. Filosofia e Política, Edusc, 2000.

BORDIM, Luigi. Simone Weil, A Paixão da Justiça e da Verdade. Material dado em sala de aula na Faculdade de Filosofia da UFRJ.

---

<sup>10</sup> Idem, p. 161.



- BORDIM, Luigi. Ética em Simone Weil. Material dado em sala de aula na Faculdade de Filosofia da UFRJ.
- BOSI, Ecléa. Simone Weil. A razão dos vencidos. 2ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1983.
- FARINA, Paolo. Simone Weil: a razoável loucura do amor. Simone Weil e o encontro entre as culturas. / Maria Clara Lucchetti Bingemer (organizadora). – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio :Paulinas, 2009.
- GUIMARÃES, Aquiles. Ordem Jurídica e Direitos Humanos. Cap. III, artigo não publicado.
- LACROIX, Jean. Marxismo, Existencialismo, Personalismo - Presença da Eternidade no Tempo. Tradução de Maria Helena Kühner, Paz e Terra, 1962.
- LAFER, Celso. Pensamento, Persuasão e Poder. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2003.
- LAFER, Celso. A Reconstrução dos Direitos Humanos. Um Diálogo com o Pensamento de Hannah Arendt. 4ª reimpressão, Companhia das Letras, Editora Schwarcz Ltda., 2001.
- MARTINS, Alexandre Andrade. A pobreza e a graça: experiência de Deus em meio ao sofrimento em Simone Weil. São Paulo: Paulus, 2013. Coleção Filosofia em questão.
- S. Paulo. Epístola aos Romanos (10, 12) e aos Galatas.
- Simone Weil e o encontro entre as culturas. Organização Maria Clara Lucchetti Bingemer. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio :Paulinas, 2009.
- Simone Weil e a filosofia. Organização Maria Clara Lucchetti Bingemer e Fernando Rey Puente. Rio de Janeiro: ED. PUC-Rio :Loyola, 2011.
- VANNINI, Marco. Introdução à mística. Tradução de José Afonso Beraldin. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- WEIL, Simone. O enraizamento. Tradução: Maria Leonor Loureiro. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- WEIL, Simone. Aulas de filosofia. Tradução Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1991.
- WEIL, Simone. A gravidade e a graça. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1993, Coleção tópicos.
- WEIL, Simone. Opressão e liberdade. Tradução Ilka Stern Cohen. Bauru: EDUSC, 2001, Coleção Mulher.

